

O LIVRO IMPERIALISMO Y URBANIZACIÓN EN AMÉRICA LATINA (1973):

a contribuição de Paul Singer para os estudos urbanos

EIXO TEMÁTICO 1: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

CASTRO, Ana Claudia Veiga de

Professora doutora; FAUUSP

anacvcastro@upo.br

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina

Professora doutora; FAUUSP

nilcearavecchia@usp.br

RESUMO

A comunicação parte do livro *Imperialismo y Urbanización en América Latina*, organizado pelo sociólogo espanhol Manuel Castells, e publicado em 1973 pela editora Gustavo Gili, para discutir a contribuição do economista Paul Singer para os estudos urbanos em meio aos debates de formação do próprio campo. O livro de Castells reúne artigos de intelectuais de diversas áreas e origens, todos dedicados ao estudo das cidades latino-americanas, e veio à luz num momento de intensificação dos debates sobre uma urbanização na América Latina vista como fruto da dependência econômica dos países centrais, mas, ao mesmo tempo, indicava reflexões acerca de caminhos políticos novos. Paul Singer, economista formado na Universidade de São Paulo em 1959, que já havia publicado o livro *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana* (1969), fruto de sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em 1966, no qual formulou uma primeira leitura da questão urbana, tem dois artigos publicados na obra de Castells. No mesmo ano de 1973, Singer lançaria *Economia Política da Urbanização*, condensando elementos da pesquisa empírica e oferecendo uma perspectiva analítica importante, ao entrelaçar o pensamento econômico e o estudo da urbanização. Aqui são analisadas as contribuições de Singer para o livro de Castells à luz de sua trajetória intelectual e dos debates contemporâneos.

Palavras-chave: Urbanização na América Latina; Historiografia; Economia; Estudos Urbanos; Paul Singer.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

*This presentation uses the book *Imperialismo y Urbanización en América Latina*, organized by the Spanish sociologist Manuel Castells and published in 1973 by Gustavo Gili, to discuss the contribution of the economist Paul Singer to urban studies amidst the debates surrounding the formation of the field itself. Castells' book brings together articles by intellectuals from diverse areas and backgrounds, all dedicated to the study of Latin American cities, and was published at a time of intensified debates about urbanization in Latin America seen as a result of economic dependence on central countries, but, at the same time, indicating reflections on new political paths. Paul Singer, an economist who graduated from the University of São Paulo in 1959 and had already published the book *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana* (1969), the result of his doctoral thesis defended at the University of São Paulo in 1966, in which he formulated an initial reading of the urban question, has two articles published in Castells' work. In the same year, 1973, Singer published *Economia Política da Urbanização*, condensing elements of empirical research and offering an important analytical perspective by intertwining economic thought and the study of urbanization. This analysis examines Singer's contributions to Castells' book in light of his intellectual trajectory and contemporary debates.*

Keywords: *Urbanization in Latin America; Historiography; Economics; Urban Studies; Paul Singer.*

RESUMEN

*Esta presentación utiliza el libro *Imperialismo y Urbanización en América Latina*, organizado por el sociólogo español Manuel Castells y publicado en 1973 por Gustavo Gili, para analizar la contribución del economista Paul Singer a los estudios urbanos en el contexto de los debates sobre la formación de este campo. El libro de Castells reúne artículos de intelectuales de diversas áreas y procedencias, todos dedicados al estudio de las ciudades latinoamericanas, y se publicó en un momento de intensos debates sobre la urbanización en América Latina, vista como resultado de la dependencia económica de los países centrales, pero, al mismo tiempo, indicando reflexiones sobre nuevas vías políticas. Paul Singer, economista egresado de la Universidad de São Paulo en 1959 y autor del libro *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana* (1969), fruto de su tesis doctoral defendida en la Universidad de São Paulo en 1966, en la que formuló una primera interpretación de la cuestión urbana, cuenta con dos artículos publicados en la obra de Castells. En 1973, Singer publicó *Economia Política da Urbanização*, obra que condensa elementos de investigación empírica y ofrece una importante perspectiva analítica al entrelazar el pensamiento económico con el estudio de la urbanización. Este artículo analiza las contribuciones de Singer al libro de Castells a la luz de su trayectoria intelectual y de los debates contemporáneos.*

Palabras clave: *Urbanización en América Latina; Historiografía; Economía; Estudios urbanos; Paul Singer.*

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

O livro *Imperialismo y Urbanización en América Latina*, organizado por Manuel Castells após sua estada no Chile, publicado na Coleção Ciência Urbanística da Editora Gustavo Gili em 1973, reúne artigos de intelectuais de origens diversas, interessados na urbanização das cidades latino-americanas, especialmente após o segundo pós-Guerra. Nomes importantes como Aníbal Quijano, Martha Schteingart, Lúcio Kowarick, Enrique Browne, Milton Santos, Jorge Enrique Hardoy ou Paul Singer, de ampla presença no debate brasileiro, dividiram suas páginas com outros pesquisadores talvez hoje menos conhecidos por aqui, como Jacqueline Weisslitz, Humberto Muñoz, Ramiro Cardona, Rosemond Cheetham, para citar alguns. Todos, no entanto, eram ativos pesquisadores da questão urbana, em sua maioria arquitetos e sociólogos que investigavam os efeitos da urbanização na América Latina ao mesmo tempo que buscavam formular um pensamento original e autônomo sobre tais fenômenos, publicando artigos em revistas e livros e ocupando postos em universidades, centros de pesquisa e outras instituições. Mas de que América Latina falavam?

O próprio Castells, no texto de apresentação ao livro, afirmava que as distintas realidades urbanas daquele território precisavam ser melhor circunscritas. Afinal, ao falar em América Latina se estava pensando nos “grandes rascacielos de São Paulo, oprimindo desde su perspectiva un universo de calles comerciales apretadas y vivientes” ou se vislumbrava as “*favelas* que trepan los morros de Rio de Janeiro en médio de tablas y labirintos com folklorismo colorido y sentimental?” Para além de explicar “de qué hablamos”, era importante definir “en que termos y para qué”, pois se as cidades podiam ser tão distintas quanto era a oposição de imagens que São Paulo e Rio projetavam de si, o que as tornava parte da América Latina era, menos que a posição geográfica no globo, “el lugar que [os seus países] ocupa[va]n en el sistema de relaciones del imperialismo” (Castells, 1973, p.1).

Ou seja, não se tratava de se apoiar no reconhecimento de território comum, nem mesmo de defender uma pretensa unidade cultural de base ibero-católica ou pré-colombiana, mas sim de se reconhecer e discutir os efeitos do capitalismo naquele espaço situado na periferia do sistema, notando nos efeitos do “imperialismo” as verdadeiras e consequentes determinações do território latino-americano. Para deixar clara sua posição, ele completa:

Si no fuera así, la reunión de trabajos y problemas sobre países tan distintos sólo podría tener una connotación de tipo racista, a la manera como ciertas universidades se ‘especializan’ en los ‘latinoamericanos’, como una de esas tribus o especies a estudiar-para-vigilar. (Castells, 1973, p.2).

A ironia tinha endereço certo: a escola de Chicago, que após formular uma série de teorias sociológicas sobre a cidade, com Park, Burgess, Wirth e outros, voltava-se à América Latina desde pelo

PENSAR FORA DO EIXO

menos os anos 1940, sobretudo nos trabalhos de Robert Redfield, descrevendo o processo de urbanização que se intensificava àqueles anos como parte de um caminho *folk-urbano* que estaria repetindo, um século depois, o mesmo processo dos países centrais (Gorelik, 2022). Para Castells, no entanto, não se tratava de ver uma América Latina caminhando *da aldeia à cidade*, mas de compreender o “urbano” como o modo de organização espacial que expressava um determinado modo de produção e as relações políticas e sociais da periferia do sistema naquela segunda metade do século XX. A matriz marxista do seu pensamento se contrapunha diretamente ao viés culturalista que embasou a tradição empirista de Chicago e que dava frutos na sociologia local¹. E evidenciava as contribuições que, a partir da noção de dependência, os intelectuais latinoamericanos vinham dando à crítica materialista².

Essa comunicação toma a obra *Imperialismo y Urbanización en América Latina* - realizada a partir da presença de Manuel Castells no Centro Interdisciplinario de Desarrollo Urbano (CIDU) em Santiago do Chile - como plataforma privilegiada que permite discutir o campo dos estudos urbanos na América Latina, e pretende avançar na leitura da contribuição de Paul Singer – economista e membro fundador do Centro Brasileiro de Planejamento (Cebap) – para a consolidação desse campo no Brasil. O economista, único autor que contribuiu com dois artigos no livro, vinha se debruçando sobre o urbano pelo menos desde sua tese de doutorado defendida na Sociologia da USP, sob a orientação de Florestan Fernandes, e que seria publicada em 1966 como *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana* - propondo um caminho de interpretação em diálogo com o método histórico-estrutural que embasou a contribuição de muitos autores latino-americanos daquela geração (Barbosa e Saes, 2025).

Nossa intenção é reconhecer nos debates do pensamento urbano latino-americano a trama de intelectuais, publicações e instituições gravitando em torno da problemática da urbanização. Ao destacar os argumentos mobilizados, reconhecendo genealogias e filiações, mas também contraposições e

¹ Sobre a penetração do pensamento de Chicago no Brasil, vale lembrar que a Escola de Sociologia e Política em São Paulo formulou inúmeros “estudos de comunidade”, como foram chamadas as pesquisas voltadas à compreensão da desestruturação do mundo rural em função dos avanços da urbanização (Castro, 2018).

² A Teoria da Dependência surgiu nos anos 1960 em alguma medida como contraposição ao pensamento desenvolvimentista da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe). Embora tenha se apropriado de conceitos cepalinos (como a divisão centro-periferia), radicalizou a análise, rejeitando a ideia de que o desenvolvimento capitalista seria possível na América Latina através das políticas de industrialização propostas pela Cepal. A obra de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina* (1969), tornou-se talvez a referência mais conhecida. Ali os autores argumentam que o subdesenvolvimento não é uma etapa anterior ao desenvolvimento, mas consequência da inserção periférica no sistema capitalista mundial, e defendem o “desenvolvimento associado” (crescimento industrial com dependência tecnológica e financeira de países centrais). Bresser Pereira recuperou os debates daqueles anos reconhecendo ao menos três interpretações da dependência: a dependência associada; a super-exploração e a contradição nacional-dependente (Bresser Pereira, 2010).

divergências, busca-se aqui contribuir com o *Eixo Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo*³.

1 ANATOMIA DE UM LIVRO COLETIVO

O sociólogo espanhol Manuel Castells chega no Chile no final da década de 1960 por indicação de seu ex-orientador Alain Touraine, após seu contrato de docência na Universidade de Nanterre ser encerrado. Vivendo em Santiago a partir de 1968, inicialmente ministrou cursos na Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (FLACSO). Em seguida se vinculou ao Centro Interdisciplinario de Desarrollo Urbano (CIDU) da Pontificia Universidad Católica, e logo à Universidad de Chile, onde também ministrou cursos. Castells permanece no país até abril de 1973⁴. É durante essa período que ele publica seu primeiro livro, *La question urbaine* (1972), editado em Paris pela Maspero, e que muito rapidamente se tornou uma referência no campo da sociologia urbana, propondo ali uma espécie de “sistema teórico” de leitura do urbano⁵.

Castells define o espaço urbano conformado por três sistemas interconectados: o econômico, o político e o ideológico. A esfera econômica envolveria as relações entre força de trabalho, meios de produção e atividades não produtivas (produção industrial, consumo de bens, circulação e comércio). A esfera política se refere à gestão e regulação desses processos no espaço. A dimensão ideológica abrange os elementos simbólicos que se materializam espacialmente. A cidade, nesse sentido, seria um espaço organizado para viabilizar trocas e, sobretudo, para assegurar as condições de vida e de reprodução da classe trabalhadora em sentido amplo - função que se realiza por meio de equipamentos e serviços públicos, como escolas, creches, hospitais, centros culturais e políticas habitacionais. A produção em sentido estrito - e, portanto, a relação capital-trabalho - concentra-se em fábricas, escritórios e empresas. Partindo desse esquema teórico, Castells passa a considerar os movimentos sociais urbanos como atores centrais na dinâmica da cidade (Castells, 1972). Ali o sociólogo já discutia com a Escola de Chicago e seu viés culturalista de leitura do urbano, mas também

³ O texto retoma argumentos da apresentação das autoras no XX SHCU e ideias desenvolvidas no Prefácio à reedição de *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana* de Paul Singer. Insere-se no esforço coletivo que vem sendo feito no Brasil por autores como Leme, Fernandes, Feldman, Farias, Martins, Segawa, Huapaya, Boghosian, Dedecca, entre outros, no sentido de repensar a história do urbanismo e a da urbanização (e da arquitetura) em uma perspectiva latino-americana.

⁴ O Golpe contra Pinochet ocorre em 11 de setembro de 1973, quando Castells já havia retornado à França.

⁵ Embora radicado no Chile, Castells mantém seus vínculos com a França, onde lecionara sociologia na Universidade de Paris, primeiro no campus de Nanterre, desde 1967 (onde se dão os principais conflitos em maio de 1968) e, a partir de 1970, vinculando-se a École des Hautes Études en Sciences Sociales. Vale notar que o livro, editado em português em 1983, ganhou uma recente reedição pela Paz e Terra, em 2022, o que demonstra a renovação do interesse pela obra hoje clássica.

PENSAR FORA DO EIXO

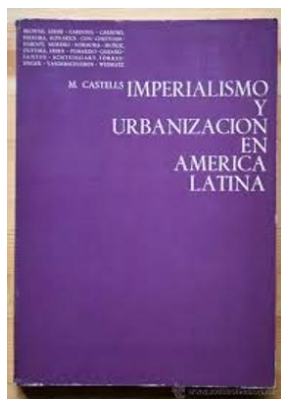
com seu colega Henri Lefèbvre, que anos antes lançara na França o livro *Le droit a ville* (1968), propondo já uma leitura marxista da cidade⁶.

Com o esquema da “questão urbana” em mente, e em diálogo com os intelectuais latinoamericanos, notadamente aqueles vinculados aos estudos da dependência, Castells organiza a nova obra, dedicada integralmente à problemática da urbanização latino-americana.

Entre 1970 e 1973, o Chile se tornou um polo de atração para os intelectuais de várias partes do mundo, ao oferecer a experiência do socialismo democrático de Salvador Allende, eleito presidente após o governo de Eduardo Frei (da democracia cristã). Naquele breve período, o país abrigou intelectuais de esquerda, alguns exilados pelos regimes autoritários em seus países de origem, outros atraídos pelas possibilidades de transformação social que se anunciavam, como o próprio Castells. Inserido nesse contexto, o sociólogo atuou como assessor do governo Allende, aprofundando uma percepção empírica dos problemas urbanos que dialogava diretamente com suas formulações teóricas de matriz marxista. Nesse trânsito intercontinental – com deslocamentos constantes entre França, Espanha, Chile e Estados Unidos – Castells consolida sua formação intelectual e se afirma como um dos principais nomes dos estudos urbanos.

Formado na sociologia urbana marxista francesa, sua trajetória é marcada pelo diálogo com os intelectuais latino-americanos que circulavam pelos mesmos circuitos acadêmicos, pensando a América Latina e a sua urbanização em termos concretos. Se àquela altura as categorias sociológicas “imperialismo” e “luta de classes” passavam a ser associadas às especificidades do fenômeno urbano na América Latina, foram as noções de “dependência” e de “marginalidade” que se tornaram os elementos de particularização regional.

Figura 1: Capa do livro *Imperialismo y urbanización en America Latina*



Fonte: Reprodução

⁶ Segundo Alexis Cortés, Castells chamaria ambos de idealistas, à direita e à esquerda (Cortes, 2018).

PENSAR FORA DO EIXO

O livro *Imperialismo y Urbanización en América Latina* é organizado na esteira desses debates. Composto por dezessete artigos assinados por 32 autores de oito países latino-americanos e europeus, dos quais se destacam Chile, Argentina e Brasil, pela presença mais numerosa, o livro também chama atenção por privilegiar a Sociologia e a Arquitetura como campos disciplinares de origem dos autores. A começar pela apresentação assinada por Castells juntamente ao jovem equatoriano Patricio Velez – arquiteto que havia estudado em Paris –, e que é apresentado como responsável pela compilação do material e pelas traduções. Nove artigos seriam assinados por sociólogos e seis por arquitetos. Além destes, um geógrafo e um economista completam a seleção. O economista é justamente Paul Singer.

Parte desses artigos já tinha sido reunido por Castells para um dossiê com o mesmo título do livro e publicado no número 3 da revista *Espaces et Sociétés* em 1970⁷. Dali vieram: o seu próprio texto, “A urbanização dependente na América Latina”, que abre a coletânea; o texto de Milton Santos, “A urbanização dependente na Venezuela”⁸; “Migração rural e integração urbana no Peru”, da socióloga francesa Jacqueline Weisslitz⁹; “A formação do universo marginal nas cidades da América Latina”, de Aníbal Quijano, e cuja origem era um relatório interno escrito pelo sociólogo peruano para a Cepal¹⁰; o texto do arquiteto colombiano Ramiro Cardona “A urbanização não controlada na Colômbia”; “Migração e marginalidade ocupacional na Cidade do México”, assinado por três sociólogos docentes na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Humberto Muñoz, Cláudio Stern e Orlandina de Oliveira, esta última, brasileira radicada no México¹¹; e o artigo “Mobilização política e luta por habitação em Chile”, de Franz Vanderschueren, sociólogo belga radicado no Chile e pesquisador do CIDU.

Outro conjunto de textos vinha do número 3 da revista *Eure*, publicado em 1971: “Considerações sobre o desenvolvimento de São Paulo: cultura e participação”, de autoria dos sociólogos brasileiros

⁷ Ficam fora do livro dois artigos do dossiê: o de Emma Scovazzi, “Sobre o papel da cidade colonial e neo-colonial na formação da sociedade sul-americana” e o de Amaro de Villanova, “Além de Brasília”, que faziam parte do dossiê.

⁸ Durante seu exílio Milton Santos foi um colaborador do Centro de Estudos do Desenvolvimento (CENDES), na Universidade Central da Venezuela, alternando períodos em Caracas e na França, onde era professor de Geografia do Institut d’Etudes du Développement Economique et Social (IEDES) em Paris. Lançara em 1965 *A cidade nos países subdesenvolvidos* pela Civilização Brasileira, e na década de 1970 publicaria em Paris uma série de livros sobre os países subdesenvolvidos.

⁹ Em 1978 Weisslitz defende a tese de doutorado “Développement, dépendance et structure urbaine: analyse comparative de villes péruviennes”, sob a orientação de Castells.

¹⁰ Publicado no Brasil como “Notas sobre o conceito de Marginalidade Social” no volume *Populações “Marginais”*, organizado por Luiz Pereira (1978).

¹¹ Artigo que depois vai integrar o volume *Migración y desigualdad social en la Ciudad de México* (1981).

PENSAR FORA DO EIXO

Fernando Henrique Cardoso, Candido Prociópio Ferreira de Camargo e Lúcio Kowarick, pesquisadores do recém fundado Centro Brasileiro de Planejamento (Cebap)¹²; o dos arquitetos Enrique Browne e Guillermo Geisse: “Planejamento para os planejadores ou para a mudança social?”¹³; um artigo da pesquisadora chilena Rosemond Cheetham: “O setor privado da construção: padrão de dominação”, inicialmente pesquisadora do CIDU e que em seguida se tornaria professora de Sociologia na UNAM.

O artigo “Primeiros passos da reforma urbana na América Latina”, de Jorge Enrique Hardoy e Oscar Moreno, ambos arquitetos argentinos, havia sido publicado no número 4 da *Eure* em 1972¹⁴. Somam-se ainda outros três artigos: “O estudo histórico estrutural dos movimentos de *pobladores* na América Latina (sua aplicação no caso argentino)”, do sociólogo argentino Lelio Marmora; “Estrutura interna e centralidade nas metrópoles latino-americanas: Estudo de caso - Buenos Aires, Santiago e Lima”, e o dos arquitetos argentinos Martha Schteingart e Horacio Torres: “Estrutura interna e centralidade nas metrópoles latino-americanas. Estudo de caso”¹⁵; e o texto com os resultados da pesquisa que Castells coordenava no CIDU, “Loteamentos clandestinos de Santiago: mobilização urbana”, assinado por toda a equipe (além de Castells, Maria Teresa Chadwick, Rosemond Cheetham, Antonieta Hirane, Santiago Quevedo, Teresa Rodrigues, Gaston Rojas, Jaime Rojas e Franz Vanderschueren), que havia circulado em duas partes em dois números da *Eure* em 1972 e 1973¹⁶. E, completando esse índice, os dois textos de Paul Singer: “Migrações internas na América Latina: considerações teóricas sobre seu estudo” e “Urbanização, dependência e marginalidade na América Latina”¹⁷.

¹² Parte da pesquisa que dá origem ao livro *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza* (1975).

¹³ O chileno Enrique Browne também terá importância para a reflexão sobre a produção de arquitetura na América Latina, ao buscar definir suas características específicas a partir do conceito de “lugar” (tema explorado em seu livro *Otra Arquitectura en América Latina*, publicado em 1988).

¹⁴ Hardoy vai criar em 1975 o *Centro de Estudios Urbanos y Regionales* em Buenos Aires, e publicara alguns volumes sobre as cidades latino-americanas - entre eles, *Ciudades Precolombinas* (1964) e *Las ciudades de América Latina. Seis ensayos de urbanización contemporánea* (escritos entre 1965 e 1969 e publicados em 1972) - abrindo a história urbana para os universos social, econômico e cultural contemporâneos, em retroalimentação com o planejamento. Segundo Monti (2016), entre 1966 e 1970 Hardoy co-dirige os projetos “Política sobre control y regulación del uso de la tierra urbana y suburbana” e “Mecanismos de regulación de la tierra urbana y suburbana en América del sur”. O primeiro se tratava de convênio entre o CEUR e a Secretaría de Vivienda del Ministerio de Bienestar Social de la Provincia de Buenos Aires; e o segundo teria sido encomendado pela ONU através do Center for Housing, Building and Planning.

¹⁵ Martha Schteingart lançava no mesmo ano outra obra de título similar: *Urbanización y dependencia en América Latina* (1973).

¹⁶ O texto havia circulado dividido em duas partes, como “Collectif Chili, Revendication urbaine, stratégie politique et mouvement social des “pobladores” au Chili, publicado em outro dossiê organizado por Castells na *E&S*, Dossiê “Movimentos sociais urbanos”, n. 6-7, juillet-oct 1972, e uma segunda parte em um artigo sobre os acampamentos no Chile de Etienne Henry publicado na revista de n. 9, juillet 1973.

¹⁷ Que também constaram de seu livro *Economia Política da Urbanização*, lançado no Brasil nesse mesmo ano pela Editora Brasiliense.

PENSAR FORA DO EIXO

Castells desempenha o papel de articulador dos debates, potencializando sua atividade crítica por meio das funções editoriais e institucionais que exerce nesse período, e contribuindo para a consolidação do campo. Assim como Jorge Enrique Hardoy (Monti, 2016) ou Richard Morse (Castro, 2021) – para citar duas figuras que desempenham um papel no campo dos estudos urbanos nesses anos – Castells promove cursos, ministra aulas, atua na criação de organizações, ocupa cargos de direção, organiza fóruns de debate e conduz seminários. Nesse circuito, a atividade editorial que eles desenvolvem tem, como já mostrou Bourdieu, uma dimensão fundamental no campo disciplinar. No caso dos estudos urbanos, entretanto, esse processo assume contornos específicos, uma vez que esse “campo” não se configura propriamente como disciplinar, mas intrinsecamente interdisciplinar, em função da própria natureza do objeto cidade – provocando diálogos entre as diversas disciplinas.

Tabela 1: Autores e origem dos textos

Imperialismo y dependencia en America Latina						
NOME AUTOR	PAÍS AUTOR	CAMPO DISCIPLINAR	LUGAR INSTITUCIONAL	TÍTULO (páginas)	LUGAR QUE TRATA	ORIGEM DO TEXTO
Parte 1 Processo de urbanização e Migração						
Manuel Castells	ES radicado na FR e depois no CH	Sociol.	Professor École Pratique des Hautes Études da Universidade de Paris e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Desarrollo Urbano y Regional (CIDU) da Universidade Católica do Chile	Apresentação (1-3)	AL	recupera trechos do texto de abertura do dossiê E&S (3) jul 1971
Patrício Velez	EQ	Arq.	(Arquiteto formado em Paris/ cuidou da recopilação, tradução e apresentação do volume			
Manuel Castells	ES	Sociol.	Professor École Pratique des Hautes Études da Universidade de Paris e do Centro Interdisciplinar de Desarrollo Urbano y Regional (CIDU), da Universidade Católica do Chile	A urbanização dependente na AL (7-26)	AL	E&S (3)
Paul Singer	BR	Econ.	Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap)	Migrações internas na AL: considerações teóricas sobre seu estudo (27-56)	AL	<i>Economia Política da urbanização</i> (1973)
Lélio Marmora	AR	Sociol.	Professor de Teoria Sociológica na Universidade Nacional de Bs As (UBA) Diretor do Centro de Investigaciones Sociológicas do Departamento de Investigación Aplicada no Escritório Setorial de Recursos Humanos do Conselho Nacional de Desenvolvimento da Argentina (CONADE)	O estudo histórico estrutural dos movimentos de <i>pobladores</i> na AL (sua aplicação no caso Argentino) (57-96)	Argentina	(não localizada)
Milton Santos	BR	Geog.	Professor de Geografia do Institut d'Etudes du Développement Économique et Social (IEDES) em Paris	A urbanização dependente na Venezuela (97-110)	Venezuela	E&S (3)
Jacqueline Weiss-litz	FR	Sociol.	NÃO CONSTA SEU CV NO LIVRO [foi orientanda de Manuel Castells]	Migração rural e integração urbana no Peru (111- 139)	Peru	E&S (3)
Parte 2 Marginalidade e estrutura urbana						
Aníbal Quijano	PER	Sociol.	Diretor do Centro de Investigaciones Sociales de Lima	A formação do universo marginal nas cidades AL (141-166)	AL	E&S (3)
Ramiro Cardona	COL	Sociol?	Diretor da Unidade de Estudos Sócio-Demográficos da Divisão de Estudos de População da Associação Colombiana da Faculdade de Medicina	A urbanização não controlada na Colômbia (167-182)	Colômbia	E&S (3)

PENSAR FORA DO EIXO

Humberto Muñoz	MEX	Sociol.	Investigadores do Projeto sobre Migração interna, Estrutura ocupacional e Mobilidade Social na Área Metropolitana da Cidade do México, patrocinado pelo Instituto de Investigações Sociais da Universidade Autónoma do México e do Centro de Estudos Econômicos e Demográficos do Colégio de México	Migração e marginalidade ocupacional na Cidade do México (183-210)	Cidade de México	E&S (3)
Orlandina de Oliveira	BR/mex					
Claudio Stern	MEX					
Cândido Procópio Ferreira de Camargo	BR	Sociol.	Diretor do Cebap	Considerações sobre o desenvolvimento de São Paulo: cultura e participação (211-252)	São Paulo	Eure (3) out. 1971
Fernando Henrique Cardoso	BR		Pesquisador do Cebap			
Lucio Kowarick	BR		Pesquisador do Cebap			
Martha Scheingart	AR	Arq.	Até 1971, professora e pesquisadora do Departamento de Estudos e Planificação Urbano-Regional da FADU na Universidade de Chile; diretora executiva do Programa Editorial da SIAP (Bs As)	Estrutura interna e centralidade nas metrópoles latino-americanas. Estudo de caso (253-286)	Bs As Santiago Lima	(não localizada)
Horacio Torres	AR	Arq. planej. urbano	Pesquisador Conicet, pesquisador visitante no Centro de Estudos Urbanos e Regionais do Instituto Torcuato di Tella			
Paul Singer	BR	Econ.	Pesquisador do Cebap	Urbanização, dependência e marginalidade em AL (287-314)	AL	<i>Economia Política da urbanização</i> (1973)
PARTE 3 Políticas Urbanas						
Enrique Browne	CH	Arq	Arquiteto e planejador professor pesquisador do CIDU, Chile	Planificação para os planejadores ou para a mudança social? (315-338)	AL	Eure (3)
Guilherme Geisse	CH	Arq	Diretor do Centro de Desenvolvimento Urbano e Regional (CIDU) e coordenador da Comissão Urbana da CLACSO			
Gabriel Pumarino	CH	Arq	Professor e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento Urbano e Regional (CIDU) da Universidade Católica de Chile. Dirigiu pesquisa sobre a Política de Desenvolvimento de Áreas Metropolitanas, em especial dedicada a Programa de Vivendas	A política de habitação e de desenvolvimento urbano em Chile (339-358)	Chile	(não localizada)
Rosemond Cheetham	CH	Sociol.	Pesquisadora do CIDU, Universidade Católica de Chile	O setor privado da construção: padrão de dominação (359-396)	Chile	Eure (3)
Franz Vanderschueren	BEL	Sociol.	Professor pesquisador do CIDU, Universidade Católica de Chile	Mobilização política e luta por habitação em Chile (397-410)	Chile	E&S (3)
CIDU M. Castells; M Teresa Chadwick; Rosemond Cheetham; Antonieta Hirane; Santiago Quevedo; Teresa Rodriguez; Gaston Rojas; Jaime Rojas; Franz Vanderschueren	CH	Sociol.	Equipe Pesquisadores que realizam trabalho concreto nos campos sociológico, econômico, urbano e político no Chile	Acampamentos de Santiago: mobilização urbana (411-438)	Chile	E&S (6-7) jul-out 1972 E&S (9) jan 1973
Jorge Enrique Hardy	AR	Arq.	Pesquisadores do Centro de Estudos Urbanos e Regionais (CEUR) do Instituto Torcuato di Tella	Primeiros passos da reforma urbana na AL (439-464)	AL	Eure (4) jan 1972
Oscar Moreno	AR	Arq.	O primeiro é autor de numerosos artigos sobre AL			

Fonte: Elaboração dos autores

Nesse sentido, tanto a revista *Espaces & Sociétés* quanto a *Eure* foram paradigmáticas desse processo, por funcionarem como plataformas dos debates contemporâneos, sendo dirigidas aos “profissionais da cidade”. Ambas haviam sido fundadas no começo dos anos 1970, momento decisivo

PENSAR FORA DO EIXO

para a reconfiguração da esquerda intelectual no mundo todo e de emergência de novas posturas – convergentes mas também conflitivas – de análise do urbano. A *E&S* fora criada por Henri Lefebvre e Anatole Kopp em Paris, e contou inicialmente com Castells como secretário de redação (Boscquet, 2020)¹⁸. Já a *Eure*, criada em 1971 no âmbito da Comissão de Desenvolvimento Regional e Urbano da CLACSO, a partir de 1979 seria absorvida pelo CIDU. Ambas promoveram uma postura crítica na análise das cidades e a da urbanização, abrigando em suas páginas os principais nomes da pesquisa urbana e se tornaram espaço privilegiado para o debate de investigações em andamento, no qual se colocava à prova argumentos e perspectivas analíticas - como aconteceu com a maioria daqueles textos antes de se tornarem parte do livro.

1.1 Os temas em debate

A primeira parte do livro, *Processo de Urbanização e Migração*¹⁹, é composta dos textos mais gerais, com o texto de Castells abrindo a coletânea e indicando a centralidade da noção de dependência para as análises, e mesmo que partindo de casos específicos (como é o caso de Milton Santos com a Venezuela), trata-se efetivamente de discutir um fenômeno que era mais amplo.

É nessa parte que se encontra o primeiro texto de Paul Singer no livro, que apresenta um robusto arcabouço teórico para tratar da especificidade das migrações no âmbito do sistema capitalista. Centrando uma crítica direta às abordagens que chama de psicologizantes, provenientes da teoria da modernização em geral, e das interpretações culturalistas da Escola de Chicago em particular, apresenta uma proposta metodológica para se entender o fenômeno a partir do materialismo e da formação de um “exército de reserva”.

A segunda parte, *Marginalidade e Estrutura Urbana*²⁰, reúne contribuições que alimentam a discussão mais conceitual, notadamente a noção de marginalidade, que vinha sendo formulada e debatida por diversos intelectuais, como o argentino José Num ou o peruano Aníbal Quijano, entre outros, mas partindo-se do empírico. São publicados ali os resultados de pesquisas sobre condições de vida dos trabalhadores na Cidade do México e em São Paulo, além de uma mirada sobre os princípios da metropolização em Lima, Santiago e Buenos Aires.

Aí se encontra o segundo texto de Paul Singer no livro, em que o autor trava um debate direto com os colegas Castells e Quijano sobre a natureza das relações entre urbanização, dependência e marginalidade na América Latina. Entre concordâncias e dissonâncias, Singer aponta os limites dos

¹⁸ Segundo Denis Boscquet (2020), após organizar dois dossiês para os primeiros números, Castells acaba por sair da revista por não ver mais ali um espaço efetivo para suas ideias

¹⁹ Na revista *E&S* (3), *Processo de Urbanização na América Latina*.

²⁰ Na revista *E&S* (3) estava invertido: *Estrutura Urbana e Marginalidade Social*.

PENSAR FORA DO EIXO

conceitos de “urbanização dependente” e de “pólo marginal”, buscando evidenciar a dimensão funcional da precariedade urbana para o tipo de acumulação capitalista do continente.

A terceira parte apresenta uma maior mudança em relação ao dossiê da *E&S*, desde a simplificação no título, *Políticas Urbanas*²¹, e sobretudo por descartar as colaborações da revista para incluir os pesquisadores do CIDU. É também nesta terceira parte que estão reunidas as colaborações dos arquitetos Enrique Browne e Pumarino do Chile e Hardoy e Oscar Moreno da Argentina.

Tal mudança reflete o trabalho desenvolvido por Castells no Chile, notadamente no CIDU onde presta consultoria ao novo governo no âmbito das pesquisas ali desenvolvidas²². Nos textos dos pesquisadores do CIDU, os *campamentos de pobladores* – as ocupações de terras que ocorriam desde o fim dos anos 1950 em Santiago, mas que se intensificavam nos 1960 – são vistas como uma experiência de luta política e de organização urbana com potência de transformação social – algo que se desestrutura no momento mesmo da publicação pelo golpe de Pinochet²³.

A ideia da articulação das escalas de análise implicava em distintas interpretações da própria situação da dependência, que oscila entre os que privilegiavam as determinações macroestruturais e aqueles que buscavam iluminar os elementos mais específicos – mas dentro dos marcos da dependência. Se essa oscilação se deve às diferenças das próprias trajetórias individuais, há que se pensar também nessas distinções em relação às linhas analíticas que cruzam a sociologia e a arquitetura, bem como o reformismo católico e a ação revolucionária, constituindo caminhos de interpretação distintos.

É possível dizer que a maioria dos artigos vai mobilizar o chamado método histórico-estrutural, formulado desde a Cepal, articulando as distintas escalas de interpretação dos fenômenos latino-americanos, desde as determinações do sistema internacional (que podem ganhar o nome de imperialismo), até às micro-definições agenciadas por grupos e por sujeitos históricos específicos, pensando país a país, cidade a cidade.

²¹ Na revista *E&S* (3): *Políticas Urbanas e de Habitação*.

²² Com apoio financeiro da Fundação Ford, o CIDU, incorporado pela Faculdade de Arquitetura, consagra a relação entre arquitetos e sociólogos na construção da questão urbana, na medida em que são eles que nesse país ocupam os cargos de direção na universidade e, ao instituírem um curso de pós graduação em planejamento que é pioneiro na América Latina, passam a formar os profissionais que ocuparão daí em diante os cargos técnicos e docentes em várias partes do país, e a receber profissionais em busca de formação. No mesmo período, em São Paulo, a Fundação Ford também financia pesquisas no Cebap que relacionam desenvolvimento e urbanização.

²³ De fato, esses sujeitos, cujas organizações tomam força nos anos de Eduardo Frei, contribuíram para a própria eleição de Allende em 1970, e depois de 1973, seriam violentamente reprimidos.

2 A CONTRIBUIÇÃO DE SINGER AO LIVRO DE CASTELLS

Desde os anos 1960, Paul Singer vinha desenvolvendo uma importante investigação sobre as especificidades da acumulação capitalista no Brasil, pensada em relação aos processos de urbanização. Assim, vale ler sua contribuição na coletânea à luz dessa trajetória pregressa. Naquela década, o economista se tornara professor na USP e se preparava para assumir a cátedra de Ciência da Administração, então dirigida por Mário Wagner Vieira da Cunha na Faculdade de Ciências, Economia e Administração (FCEA). Porém, com o golpe de 1964 foi obrigado a pedir demissão, retornando à universidade à convite de Florestan Fernandes em 1966, para investigar os condicionantes econômicos do processo da urbanização brasileira. Com especial atenção às dimensões empíricas, Singer define seu recorte em cinco cidades brasileiras (São Paulo, Recife, Blumenau, Belo Horizonte e Porto Alegre) para entender as particularidades do desenvolvimento e suas diferenças regionais. Essa investigação se tornou sua tese de doutorado, defendida em agosto de 1966 e publicada com o título *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: Análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*, em uma coleção dirigida pelo próprio Florestan Fernandes para a Companhia Editora Nacional²⁴.

Figura 3: Capa do livro *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*



Fonte: Reprodução

Ocupando-se das dimensões históricas e ao mesmo tempo estruturais dos processos de urbanização no Brasil, Singer buscou desnaturalizar as desigualdades sociais e investigá-las em relação aos padrões de acumulação específicos das cidades e suas áreas de influência. Ao ler as dinâmicas físico-territoriais, pôde iluminar a interdependência entre os mundos rural e urbano em relação aos

²⁴ Toda a obra de Singer vem sendo desde 2022 reeditada pela Editora da Unesp em parceria com o Instituto Paul Singer, e esse livro em especial foi republicado em 2026.

PENSAR FORA DO EIXO

interesses de classe ocultos pela dicotomia campo-cidade, sustentada por discursos modernizadores. Assim, localizou a urbanização brasileira, que estenderia ao universo latino-americano, no campo ampliado da crítica à economia política, estabelecendo um diálogo com outros intelectuais que também buscavam interpretar as condições do subdesenvolvimento e da dependência no Brasil e na América Latina naquele momento.

Em cada cidade e suas regiões de influência, Singer notou uma modalidade específica de acumulação:

- **industrialização e metropolização por acumulação:** a partir de São Paulo como caso paradigmático, que ancorado no excedente e na infraestrutura herdados da economia cafeeira, resultou numa aglomeração que gerou economias externas favorecendo sua expansão industrial, para consolidá-la como principal pólo dinâmico nacional;
- **desenvolvimentos orgânicos:** uma variação em Blumenau em que a colônia de imigrantes baseada na pequena propriedade e em atividades artesanais, sem aporte significativo de capital externo, encontrou seus limites na fronteira territorial e em sua inserção subordinada na economia nacional, levando a transformação do excedente rural em base para concentração urbano-industrial, que alterou sua estrutura social inicial; e Porto Alegre, que se distinguia por um desenvolvimento orgânico voltado ao mercado interno, como centro de um sistema regional de abastecimento, estruturando-se pela transferência de excedentes do campo para a cidade, com crescente demanda por infraestrutura que encontrou limites de investimentos públicos e privados;
- **urbanização por ação estatal:** Belo Horizonte é tomada como exemplo de cidade planejada e precoce, que sem base industrial prévia é pensada como símbolo de modernização. Tendo no setor público e na construção civil seus principais motores econômicos, a exclusão quase imediata dos trabalhadores do plano urbano, tornava-se exemplo dos limites de um crescimento “artificial” dissociado de uma base produtiva capaz de absorver a mão de obra.
- **urbanização por estagnação:** expressão da crise da economia açucareira de plantation, Recife, por fim, é interpretada como receptora de populações deslocadas do campo, configurando uma estrutura urbana marcada por forte desigualdade social, sem presença de burguesia industrial consolidada, evidenciando a persistência e o aprofundamento de contradições herdadas do período colonial.

PENSAR FORA DO EIXO

Esse esquema comparativo permitiu a Singer construir uma contribuição sua, particular, sobre a dimensão estrutural da urbanização dependente, manifestada de formas diferentes em cada contexto. Portanto, é fundamental considerar seu trabalho precedente, para ler sua contribuição na coletânea organizada por Castells.

Seu método, articulando empiria e teoria, levou-o a produzir diálogos críticos não só com a teoria da modernização e a vertente psicologizante da Escola de Chicago sobre a marginalidade, mas também com a própria vertente marxista de seus pares latino-americanos.

No texto "Migraciones internas en América Latina: consideraciones teóricas sobre su estudio" que, como mencionado, consta da primeira parte do livro, Singer buscou analisar e construir um quadro teórico para entendimento sobre os processos de migração do campo para a cidade, a partir dos movimentos de estagnação e mudança das forças produtivas.

Para ele, a estagnação era o principal fator de repulsão da população camponesa, entre suas causas, (1) o latifúndio improdutivo, com esgotamento da fertilidade da terra; ou (2) a pequena propriedade, fragmentada demais por partilhas de heranças entre sucessivas gerações, fazendo com o sistema tradicional de produção parasse no tempo. Com a interrupção do crescimento, sem novas terras e sem empregos, a população ia sendo "empurrada" para fora, com um perfil de migrante predominantemente pobre que sai da subsistência quase como refugiado econômico. Esse processo pode ser relacionado às leituras que havia feito sobre Recife - o caso do antigo latifúndio de terra esgotada pelo sistema de *plantation* -, e sobre Blumenau - cujas pequenas propriedades fragmentadas por consecutivas partilhas de herança não conseguem mais absorver as novas gerações. De outro lado, as mudanças das forças produtivas são tomadas como principais fatores de expulsão da população camponesa, em que a penetração do modo de produção capitalista no mundo rural provoca a modernização da produção agrícola, com inserção de maquinário, substituição de agricultura por pecuária extensiva, e industrialização do sistema de *plantation*. Nesses casos, o camponês ou colono não perde seu lugar porque a terra é ruim, mas porque a máquina o substitui, num processo dinâmico em que as migrações são consequência do desenvolvimento capitalista que libera mão-de-obra barata para as cidades. Em parte, é o que acontece no desenvolvimento orgânico que ele havia notado em Porto Alegre, em que a própria expansão do sistema para abastecimento do mercado interno brasileiro avança para as áreas rurais pressionando a modernização do campo.

Entretanto, à medida que os migrantes adentram as cidades, encontram os processos de industrialização com presença de tecnologia já avançada e automatizada, proveniente do centro do sistema mundial capitalista - a indústria, portanto, já instalada com alto grau de automação não absorve os

PENSAR FORA DO EIXO

enormes contingentes migratórios repelidos ou expulsos do campo. Nesse ponto, Singer concorda com as interpretações da dependência, entendendo que a importação de tecnologias é o que conecta a dinâmica interna às condicionantes externas, em que o surgimento das favelas e o subemprego nas cidades não é um desvio de percurso, mas um elemento estrutural do capitalismo dependente na América Latina.

Mas é importante destacar que, a partir de seus estudos anteriores, o autor procura demonstrar que a dependência externa legada pela colonização não era o único fator do subdesenvolvimento e da marginalidade, mas sim que suas causas seriam múltiplas, cruzando processos internos com condicionantes externas. Esse é o mote central de “Urbanización, dependencia y marginalidad en América Latina”, texto de Singer presente na segunda parte do livro de Castells, que confronta alguns dos argumentos do próprio Castells, e também os de Aníbal Quijano, no que diz respeito à dependência e à marginalidade urbana. O debate, portanto, acontece no interior do campo marxista das interpretações sobre a questão urbana (Arantes, 2009; Cortés, 2022).

Castells via a crise urbana como falha do Estado em prover serviços necessários à reprodução (habitação, transporte, saúde, educação), que levaria à sobrecarga financeira do trabalhador e, portanto, a uma forma de acumulação indireta do excedente. Singer contrapõe-se a essa visão, definindo a cidade como instrumento deliberadamente precário, voltado à oferta de mão-de-obra barata, e à maximização de extração de mais-valia de forma direta, já que a segregação e a concentração de mão-de-obra excedente empurram para baixo os salários. Do mesmo modo, a marginalidade também seria funcional ao sistema, já que a favela, o bico, o vendedor ambulante, que surgem da precariedade dos serviços e da falta de oferta de trabalho, são exatamente os elementos que tornam o capitalismo periférico minimamente competitivo no sistema mundial, diante do desenvolvimento tecnológico dos países centrais.

Nesse argumento reside sua principal contraposição a Quijano. O autor peruano via a marginalidade como resultado do processo de exclusão do sistema capitalista, em que levas de migrantes do campo, sem serem absorvidas em empregos industriais, formavam uma “massa marginal”. Tanto para Castells quanto para Quijano, sentimentos revolucionários mais autênticos poderiam surgir dessas massas “de fora” do sistema, já que os operários industriais não dividiriam precariedades tão agudas²⁵. Enquanto a marginalidade aparecia para ambos como fatores de exclusão, para Singer tratava-se de uma forma específica de integração, absolutamente funcional ao sistema.

²⁵ Vivendo no Chile de Allende, os sociólogos buscavam nos *campamentos de pobladores* a possibilidade dessa transformação revolucionária.

PENSAR FORA DO EIXO

Nesse sentido, a macrocefalia metropolitana²⁶, a desarticulação urbana e as desigualdades regionais seriam de certo consequências da integração da América Latina ao capitalismo global. Mas não seria uma situação específica do modelo “dependente”, antes de tudo resultaria da própria lógica que prioriza a acumulação de capital em detrimento da integração interna e do desenvolvimento equilibrado. A estrutura urbana latino-americana não seria falha de planejamento, mas refletiria uma economia focada na extração e na conexão com mercados - internos e externos.

Assim, seria necessário examinar as diversas manifestações da dimensão estrutural da urbanização dependente em contextos espaciais e históricos específicos, e ao mesmo tempo, típicos.

Mas as análises históricas das transformações econômicas e dos efeitos sobre o urbano não bastavam. Além de compreender e examinar as permanências estruturais, Singer não se furtou à pensar o presente e a vislumbrar caminhos para o futuro. Por sua adesão ao marxismo, o autor debatia com as interpretações da dependência latino-americana, criticando as opções por um desenvolvimento capitalista de caráter nacional, pela via da industrialização e modernização, como propunham os teóricos da Cepal.

Como se vê, no próprio diálogo com Castells e Quijano, Singer se opunha ao que se convencionou chamar de visão “dualista”, ou mesmo dependentista, do subdesenvolvimento. Seu trabalho ia no sentido de contribuir com o pensamento latino-americano, que com o economista argentino Raúl Prebisch já havia iniciado, ainda na década de 1940 na Cepal, uma crítica profunda às teorias clássicas do pensamento econômico (Barbosa e Saes, 2025). Singer guardaria muito em comum com essa tradição intelectual, como se pode notar no uso que faz do conceito de heterogeneidade estrutural, que emergiu na própria Cepal. Aníbal Pinto descreveu a heterogeneidade como a coexistência entre diferentes modos de produção e setores econômicos “modernos” e “atrasados”. Interpretando-o a partir das relações de classe, Singer destacou não só a coexistência entre os modos de produção, mas a funcionalidade do entrelaçamento entre os setores modernos e arcaicos para a própria lógica de expansão do sistema capitalista.

Assim, os tipos de urbanização (por industrialização, desenvolvimento orgânico, indução estatal ou estagnação) deduzidas dos casos brasileiros em seu doutorado, seriam ampliadas para outros contextos, na tentativa de construir um panorama interpretativo sobre América Latina. Para Singer, analisar a realidade concreta era a forma de dar a complexidade necessária para os fenômenos, de modo

²⁶ O termo, muito utilizado pelos estudiosos marxistas da questão urbana na América Latina para designar uma concentração excessiva de população, capital e serviços em uma única cidade (a “cabeça” gigante para um “corpo” atrofiado), foi muito debatido no campo da geografia. Derivado do conceito de “cidade primaz”, desenvolvido por Mark Jefferson em *Law of the Primate City* (1939), teve importante contribuição de Milton Santos na América Latina.

PENSAR FORA DO EIXO

a demonstrar que a dependência não seria a principal fonte de determinação social dos processos de urbanização na marginalidade latino-americana, cuja essência seria o modo de produção capitalista.

CONCLUSÕES. OU DE ONDE SEGUIR

O destaque dado à contribuição de Paul Singer na coletânea organizada por Manuel Castells é um recorte que permite iluminar a contribuição brasileira ao debate latino-americano sobre o urbano, particularmente de uma perspectiva econômica materialista - primeiro com um arcabouço propriamente teórico (no texto da primeira parte: "Migraciones internas en América Latina: consideraciones teóricas sobre su estudio"), e depois em uma costura com as dimensões empíricas (no texto da segunda parte: "Urbanización, dependencia y marginalidad en América Latina").

Exatamente no segundo texto, mobilizando universos empíricos, travou um diálogo crítico com Castells e Quijano, opondo-se ao raciocínio dual advindo dos conceitos de dependência e de marginalidade, que na interpretação de Singer, ganhavam peso demasiado na interpretação dos colegas. Assim, a precariedade urbana apareceu não como um fator de exclusão do sistema capitalista, mas sim como um elemento estrutural e absolutamente funcional a ele, num argumento que seria elaborado também em profundidade por seu companheiro de trabalho no Cebrap, o sociólogo Francisco de Oliveira, no hoje clássico texto "Crítica à razão dualista", publicado originalmente em 1972.

Ao mobilizar o conceito de heterogeneidade estrutural, Singer dava seguimento ao pensamento social e econômico da Cepal para avançar, destacando a funcionalidade do entrelaçamento entre os setores modernos e arcaicos da economia. Suas análises empíricas para chegar aos tipos de urbanização em cidades brasileiras ofereceram a base fundamental para o arcabouço teórico que articula processos internos com condicionantes externas. Assim, podia afirmar que a essência da desigualdade urbana e regional residia na lógica do modo de produção capitalista e não apenas na condição periférica e dependente da América Latina. Em diálogo com Chico de Oliveira postulava que a cidade funciona como um instrumento deliberadamente precário, voltado à oferta de mão de obra barata e à maximização direta da extração de mais-valia.

No momento atual, diante da ingerência indevida dos Estados Unidos na América Latina, ou de suas investidas militares no Oriente Médio, parece inescapável pensar o Imperialismo como variável fundamental das condições de desigualdade territorial, e de pobreza e precariedade urbanas. Importante reconhecer que interpretações como as de Singer foram decisivas para melhor entender a questão urbana na América Latina, mas também contribuíram para relativizar as disputas monopolistas na própria constituição e expansão do capitalismo.

PENSAR FORA DO EIXO

Olhar de uma perspectiva histórica o livro *Imperialismo y Urbanización en America Latina*, que colocou diferentes interpretações lado-a-lado, num debate franco e coletivo, mostra a importância de tomá-las em sua complementaridade e não por suas contraposições e divergências. O livro ainda é útil para revelar um retrato histórico dos diversos olhares, comprovando a efervescência do pensamento latino-americano naqueles anos sobre os territórios e a relação de interdependência a marcar as contradições da divisão do trabalho entre campo e cidade. As leituras, sejam mais centradas nos circuitos de produção, de circulação ou de consumo, bem como sobre dinâmicas nacionais ou externas, complementam-se, oferecendo um rico panorama que não só dava conta da tamanha complexidade que envolvia o tema, como continua sendo referência fundamental para pensar os processos históricos que ainda definem certos rumos da urbanização na América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, P., Em busca do urbano. **Novos Estudos Cebrap**, n. 83, mar. 2009.

BARBOSA, A. e SAES, A. **Celso Furtado: trajetória, pensamento e método**. São Paulo: Autêntica, 2025.

BOCQUET, D., "Glissements progressifs de l'urbain: réflexions sur le contexte intellectuel de la naissance d'*Espaces et sociétés*. Dossier 50 ans d'Espaces et Sociétés. **Espaces et sociétés**, n. 180-181, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7794487>

BRESSER-PEREIRA, L. C. As três interpretações da dependência. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, n. 38, 2010.

CASTELLS, M., **La question urbaine**. Paris: Maspero, 1972.

CASTELLS, M. (org.), **Imperialismo y dependencia en America Latina**. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

CASTRO, A., **Um americano na metrópole latino-americana: Richard Morse e a formação de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2018.

CASTRO, A. e ARAVECCHIA-BOTAS, N., "Apresentação". In: SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Ed. Unesp, 2026, p. 13-23.

CORTÉS, A., **Favelados e pobladores nas ciências sociais: a construção teórica de um movimento social**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.



PENSAR FORA DO EIXO

GORELIK, A., **La ciudad latinoamericana: una figura de la imaginación social del siglo XX**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2022.

MONTI, A., Más que un experto. El rol de Jorge Enrique Hardoy en el desarrollo de la disciplina urbana en América Latina. **URBANA** Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP, v. 8, n. 3, 2016, p. 8–29.

SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.